



JEPEX
8ª Jornada de Ensino,
Pesquisa e Extensão
08 e 09 de outubro de 2019



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul
Campus Erechim

MODA INCLUSIVA: MARCAS PREOCUPADAS COM PÚBLICO ESPECÍFICO

Inclusive Fashion: Brands concerned with specific public

SILVA, Luciana. Graduanda; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, lucianasilvac27@gmail.com

OLIVEIRA, Natálie Pacheco. Mestre; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, natalie.oliveira@erechim.ifrs.edu.br

Resumo: O presente artigo aborda a importância da moda inclusiva, especificamente para pessoas que não possuem mobilidade nos membros inferiores. Com o objetivo de conhecer por meio de pesquisas bibliográficas a respeito dessa importante área da moda, que progressivamente vem se desenvolvendo e conquistando seu espaço. Sendo que a moda possui um papel expressivo na sociedade e, por tamanha relevância, não deve ser seletiva com quem a usa, deve, portanto, atender a totalidade de indivíduos que dela usufruem.

Palavras-chave: Inclusão. Moda. Mercado da moda.

Abstract: The present article addresses the importance of inclusive fashion, specifically for people who have no mobility in the lower limbs (legs). The objective of this article is to know about inclusive fashion, through bibliographical research. Since fashion plays an expressive role in society and, because of its relevance, it should not be selective with those who wear it, therefore, it must cater to all individuals who enjoy it.

Keywords: Inclusion. Fashion. Fashion Market.

1 INTRODUÇÃO

A pessoa com deficiência física nos membros inferiores enfrenta muitos desafios diariamente, inclusive para se vestir. Por ficar pela maior parte do tempo sentada a roupa que veste deve ser muito confortável e de fácil vestibilidade.

Roupas específicas para pessoas com necessidades especiais tiveram um dos notáveis incentivos para o crescimento da moda inclusiva, foi a criação do Concurso de Moda Inclusiva pelo governo do estado de São Paulo através da Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência em 2009 (SEDPCD, 2019), que incentivou estudantes e profissionais do ramo da moda a criarem peças adaptadas para atender as necessidades das pessoas com deficiência. Felizmente, a moda inclusiva vem crescendo cada vez mais, entretanto ainda existem muitas barreiras a serem vencidas. A moda inclusiva busca atender as pessoas com deficiência, possibilitando a elas o conforto, autonomia, praticidade, inclusão e a alegria do bem-vestir, como afirma Nakayama (2016):

Essa proposta pauta-se principalmente na promoção de autonomia e acessibilidade para o público com mobilidade reduzida, no que tange questões objetivas como o próprio ato do vestir, garantindo segurança,

conforto, acesso em situações cotidianas como trabalho e também questões subjetivas, como a validação da identidade individual (NAKAYAMA, 2016, p. 23).

Com este artigo, busca-se apresentar algumas marcas que encararam o desafio de produzir moda para um público-alvo com necessidades específicas quanto ao vestuário. A escolha dessas marcas se deu pela relevância nos seus produtos no meio midiático e no alcance do público, principalmente o brasileiro, no qual esse mercado vem se desenvolvendo progressivamente.

A fundamentação teórica deste artigo apresenta algumas características sobre a moda inclusiva e sua importância; o mercado de moda voltado para esse segmento; e as marcas que trabalham com esses tipos de produtos e têm se mantido no mercado de moda. Para tanto, utilizou-se como referências bibliográficas autores como Dal Bosco (2014), Broguin (2015), Nakayama (2016), entre outros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Essência da moda inclusiva

A moda inclusiva não é apenas uma moda que visa tratar das necessidades ergonômicas, embora elas sejam essencialmente importantes, mas que possibilita a expressão de individualidade de cada pessoa que a usa. Um indivíduo que não possui mobilidade nos membros inferiores não tem seu gosto ou estilo alterado automaticamente para roupas que sejam fáceis de vestir, apenas. Muitos cadeirantes enfrentam dificuldade para comprar roupas que lhe agradam esteticamente e que ao mesmo tempo sejam confortáveis o suficiente para vestir. Verificamos isso com a afirmação de Dal Bosco (2014):

A pessoa com necessidades especiais fisicamente não é diferente psicologicamente, ela tem os mesmos desejos de autoaceitação e aceitação perante a sociedade, porém ela requer de mais autonomia, o que seria facilmente alcançado se houvessem mais roupas adaptadas no mercado de moda (DAL BOSCO, 2014, p. 2).

Segundo Broguin (2015, p.77) “A moda é e assume para os usuários a possibilidade de eles realizarem escolhas entre estilos e personalidades dentre as quais desejam participar”. Naturalmente, alguém que precisa de uma modelagem especial a fim de atender suas necessidades merece muito mais do que uma roupa adaptada, merece identificar-se com um estilo e optar por ele, como comumente pessoas não portadoras de deficiência fazem. O objetivo é incluir, inclusão é acolhedora, respeitosa e deve ser sincera, a moda inclusiva não é um favor, é um direito.

A moda também considerada como parte significativa de expressão, possibilita em alguns aspectos a integração do indivíduo com a sociedade em que vive. Segundo Dal

Bosco (2014) “A pessoa com necessidades especiais fisicamente não é diferente psicologicamente, ela tem os mesmos desejos de autoaceitação e aceitação perante a sociedade, porém ela requer de mais autonomia” (p.2). Somente com o passar dos anos foi visível a criação de uma moda pensada para a inclusão, não só pensada como suprimento da necessidade humana do vestir, mas como agente de inclusão. Considerando o apreço natural do ser humano pela moda, é inviável que essa atenda apenas a parte que não possui deficiência física.

Essa necessidade de adaptação, principalmente, é essencial no que diz respeito aos valores de vestibilidade, agradabilidade e representatividade. Torna-se requisito primário a consideração das questões de conforto e mobilidade realmente moldando produtos condizentes ao seu coeficiente humanístico, principalmente na performance de atividades cotidianas, como a realização de atividades laborais (NAKAYAMA, 2016, p. 14).

2.2 Moda inclusiva e mercado de moda no Brasil

Uma parcela significativa do mercado da moda não é direcionado para a moda inclusiva, ainda que a porcentagem de pessoas deficientes físicas seja expressiva, apenas pequena parte do mercado procura atender esse público. Segundo Martins, Lins e Barboza (2012, p. 9): “não existe ainda uma oferta de mercado na moda inclusiva. É difícil encontrar empresas que desenvolvam esses produtos”. Entretanto, pode-se observar que é um mercado com potencial, “a moda inclusiva é um novo modelo de negócio, com um grande potencial de consumo interno e externo, à espera de seu desenvolvimento. A indústria de moda tem muito que ganhar se aumentar a oferta de roupa com o conceito inclusivo” (MARTINS, LINS E BARBOZA 2012, p. 9).

O Brasil caminha para que a inclusão seja eficaz, aos poucos pode-se notar marcas brasileiras que desenvolvem coleções de moda inclusiva bem como o concurso de moda inclusiva desenvolvido pelo governo do estado de São Paulo, visando despertar o olhar da sociedade e do mundo da moda para a questão da moda inclusiva. Segundo o Censo de 2010 (IBGE), são 46 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência somente no Brasil, a maior parte da população continua sendo dos que não tem nenhum tipo de deficiência, entretanto seria demasiado egocêntrico deixar de pensar nas necessidades desta parcela da população. Lentamente, o Brasil desperta para a expansão e atenção a esse mercado extremamente relevante e essencial (IBGE, 2018). Ações de consciência e respeito às diferenças como a primeira mostra de Moda Inclusiva 2019, compreendem palestras e mostra das principais marcas do segmento.

2.3 Marcas que trabalham com moda inclusiva

2.3.1 Equal Moda Inclusiva

A Equal é pioneira no Brasil, iniciou os trabalhos em 18 de julho de 2015, uma marca que inova ao fazer coleções com peças que atendam pessoas com mobilidade reduzida e pessoas que não precisem de uma modelagem especial. O desejo dessa marca é que a pessoa cadeirante sintam-se incluída, pois não precisa constranger-se com o fato de ter uma coleção específica. Além de confeccionar peças para cadeirantes (Figuras 1) a idealizadora e dona da marca, Louro (2016), pensa em criar uma coleção que inclua pessoas com Síndrome de Down. Louro (2016) diz que é necessário incluir: “a questão da moda inclusiva é uma necessidade de atender a todo mundo, de incluir, de trazer quem está fora para dentro” (LOURO, 2016, p.3).¹ A Equal propõe alterações ergonômicas como fechamento de peças com velcro, cós com acabamento em malha para maior conforto, folgas maiores em pontos específicos,

Figura 1- Coleção Transição de Equal Moda Inclusiva (2018).



Fonte: Site Equal Moda Inclusiva. Acessível em: <https://equalmodainclusiva.com.br/>

2.3.2 Tommy Hilfiger

Marca norte-americana, foi uma das primeiras grifes de Nova York a lançar coleções direcionadas para a moda inclusiva no ano de 2016, em abril de 2018 lançou sua segunda coleção de moda inclusiva e apostou em celebridades com alguma necessidade especial para divulgação (Figura 2). Depois de uma parceria com a ONG *Runway of Dreams*, a marca resolveu investir na confecção de peças com um design característico da marca e ao mesmo tempo com adaptações que facilitam o uso de suas peças por pessoas com deficiência física. “O Tommy Adaptive dá um toque modificado à tradição, capacitando as

¹ Silvana Louro fala do seu trabalho com roupas adaptadas, sobre Moda Inclusiva e a produção do catálogo das suas roupas que estão no site em 2016.

peças através da moda” (HILFIGER, 2018, p. 02). A Tommy possui peças com alterações ergonômicas para ajustes de próteses, facilidade de movimento, falta de mobilidade nas pernas. São feitas as retiradas de bolsos, fechamento de peças com velcro e botões de pressão.

Figura 2- Coleção Tommy Adaptive “Oh, que diversão (2018).



Fonte: Site Tommy Adaptive. Acessível em: <https://usa.tommy.com/en/tommy-adaptive>.

2.3.3 A Aria moda inclusiva

Marca brasileira fundada por Drika Valério, que desde 2011 se envolveu em projetos relacionados com a moda inclusiva e ganhou destaque por seus projetos inovadores nesta área. Entre 2015 e 2017, criou a loja virtual Aria Moda Inclusiva (Figura 3), que além de produzir peças adaptadas, disponibiliza acessórios que destacam a importância de respeitar as diferenças. Valério ressalta em seu site que “a proposta da Aria moda inclusiva é trazer conforto, bem-estar, autoestima e autonomia para pessoas com deficiência” (A ARIA MODA INCLUSIVA, 2018, p. 3). A Aria faz alterações como argolas em zíperes para facilitar o movimento de abrir e fechar, costuras embutidas, bolso interno para sonda e aberturas laterais.

Figura 3- Coleção Aria, de Drika Valério (2018).



Fonte: Site Aria Moda Inclusiva. Acessível em: www.ariamodainclusiva.com.br/site/conteudo/49-tudo-sobre-moda

2.4 Algumas alterações Ergonômicas necessárias para atender pessoas sem mobilidade nos membros inferiores (pernas)

Visando proporcionar conforto e autonomia para pessoas que não movimentam as pernas, as peças de vestuário necessitam de alterações ergonômicas, principalmente para tentar evitar lesões na pele, como escaras, pela falta de fluxo sanguíneo e machucados causados por dobras no tecido ou costuras. Conforme afirma Varella (2012):

Escara, ou úlcera de pressão ou de decúbito, é causada pela deficiência prolongada na irrigação de sangue e na oferta de nutrientes em determinada área do corpo em virtude da pressão externa. As escaras, também conhecidas por úlceras de pressão ou úlceras de decúbito, correspondem a um tipo especial de lesões da pele, de extensão e profundidade variáveis. A principal causa da formação de escaras é a deficiência prolongada na irrigação de sangue e na oferta de nutrientes em determinada área do corpo, em virtude da pressão externa exercida por um objeto contra uma superfície óssea ou cartilaginosa (VARELLA, 2012, p.1).

Contudo, cada deficiência possui suas especificidades e por isso não é viável a generalização das modificações. Uma pessoa que possui hemiplegia² e movimenta a parte direita ou esquerda do corpo possui mais facilidade ao se vestir em relação a alguém que não possui mobilidade alguma nas pernas.

Peças de vestuário, quando pouco funcionais, podem se tornar barreiras à inclusão social. Pessoas com deficiência possuem características corporais e necessidades diferentes, que não são atendidas pelo mercado de moda atual. Além das características físicas, também temos que considerar necessidades específicas como alterações sensoriais (tátil, visual), uso de meios auxiliares (muletas e cadeira de rodas, por exemplo), uso de órteses e próteses, entre outros dispositivos de ajuda como coletores de secreção, sondas vesicais ou de alimentação. Assim, é comum a pessoa com deficiência e seus familiares buscarem soluções próprias e criativas para as peças de roupas ajustarem-se melhor a seu corpo (TAVARES TERRANOVA, 2015, p. 20).

Alterações ergonômicas como a retirada de bolsos traseiros, substituição de zíperes por soluções em velcro e botões de pressão para facilitar o vestir e despir são válidas, no caso específico de pessoas que não possuem mobilidade nos membros inferiores. Folgas de movimento são acrescentadas em pontos estratégicos para proporcionar mais conforto, bem como transferência de pences. A facilidade do vestir é essencial, entretanto com a mudança de tecidos, determinados aviamentos também devem ser modificados a fim de manter a estética da peça. Broguin (2015) acrescenta:

Grave (2010) aponta o velcro como uma solução que facilita as aberturas, podendo substituir zíperes e botões. Igualmente os botões magnéticos são fáceis de manuseio e acessíveis, sendo necessário adequá-los quando usados em um vestuário de tecido fino e delicado (GRAVE, 2010, p. 52, apud BROGUIN, 2015, p. 126).

²Hemiplegia: perda total da função de um hemisfério do corpo (direito ou esquerdo); Ministério Público do Trabalho, 2001.

As peças que são alteradas ergonomicamente para atender as necessidades da pessoa com deficiência física, além de proporcionarem conforto, devem ter requisitos estéticos de beleza, segundo a proposta da moda inclusiva das marcas abordadas. A funcionalidade das peças é imprescindível, contudo, o design conta muito ao se escolher uma peça de roupa. Deixar essa questão a parte da moda inclusiva seria controverso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas realizadas, foi possível compreender que muito mais do que uma moda que atende as necessidades ergonômicas da pessoa com deficiência, a moda inclusiva é um grito de expressão que por vezes se calou. A preferência de estilo faz parte da individualidade do ser humano, na moda principalmente, essa individualidade é muito visível e a pessoa com deficiência física não pode ser excluída do direito de escolher e se identificar com determinado estilo. Muitas vezes as pessoas sem mobilidade nos membros inferiores se deparam com peças que simplesmente são adaptadas para atender suas necessidades e não seu estilo, o fato de ser deficiente físico não exclui o desejo de usufruir das tendências de moda. Esta é a proposta da moda inclusiva, proporcionar através de estilo, praticidade, conforto e autonomia a tão necessária inclusão, a exemplo das marcas Equal, A Aria e Tommy Hilfiger. A moda inclusiva ainda encontra desafios quanto a sua expansão, entretanto cada vez mais o mundo da moda vem despertando seu olhar para ela.

REFERÊNCIAS

Aria moda inclusiva. Disponível em: <http://ariamodainclusiva.com.br/site/conteudo/49-tudo-sobre-moda-inclusiva.html?menu_id=62>. Acesso em 28 de nov de 2018.

BROGIN, Bruna. **Gestão de design para moda inclusiva: diretrizes de projeto para experiência do usuário com deficiência motora.** Repositório UFSC. Ano 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/133081/333887.pdf?sequence=1>>. Acesso em 09 de out de 2018.

DAL BOSCO, Glória Lopes da Silva. **Moda inclusiva: uma análise estética e funcional.** 10º Colóquio de Moda – 7ª Edição Internacional 1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda 2014. Ano 2014. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-Eixo-3-Moda-Inclusiva-Uma-Analise-Estetica-e-Funcional.pdf>>. Acesso em 09 de out de 2018.

IBGE. Instituto brasileiro de geografia e estatística. Censo 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.htm>>. Acesso em 09 de out de 2018.

LOURO, Silvana. **Equal moda inclusiva.** 2016. (6m14s). Disponível em: <<https://equalmodainclusiva.com.br/blog/silvanalourofalandosobremodainclusiva/>>. Acesso em 09 de out de 2018.

MARTINS, Layana Peixoto; LINS, Gabriela de Souza; BARBOZA, Leila Maria da Silva. **Moda inclusiva para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.** Trabalho de Iniciação Científica do Curso de Design de Moda da Universidade Salgado de Oliveira. Ano 2012. Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=1058&path%5B%5D=1061>>. Acesso em: 09 de out de 2018.

Ministério Público do Trabalho/Comissão de Estudos para inserção da pessoa portadora de deficiência no mercado de trabalho. **A Inserção da pessoa portadora de deficiência e do beneficiário reabilitado no mercado de trabalho.** Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.pgt.mpt.gov.br/publicacoes/manual_ppd.pdf>. Acesso em 10 de out de 2019.

NAKAYAMA , Gabriela Yoshie. **Desenvolvimento de produtos de moda para pessoas com mobilidade reduzida: ferramenta metodológica pautada na ergonomia.** Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Design, área de concentração em Ergonomia, Usabilidade em produtos, sistemas e produção, do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco. Ano 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/19720/1/Dissert_GabrielaNakayama-BC.pdf>. Acesso em 18 de jun de 2019.

SEDPCD - Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Concurso de moda inclusiva 2019. Disponível em: <<http://modainclusiva.sedpcd.sp.gov.br/>>. Acesso em 10 de out de 2019.

TAVARES TERRANOVA; Thais. **O olhar do terapeuta ocupacional para a moda: considerações sobre a funcionalidade do vestuário.** Moda inclusiva 2015: Aprendizado e consolidação da moda acessível. Disponível em: <<https://modainclusiva.sedpcd.sp.gov.br/publicacoes/>>. Acesso em 28 de nov de 2018.

TOMMY HILFINGER. Disponível em: <<https://usa.tommy.com/en/tommy-adaptive>>. Acesso em 28 de nov de 2018.

VARELLA, Maria Helena Bruna. **Doenças e sintomas escara ulcera de pressao** Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/escara-ulcera-de-pressao/>>. Acesso em 10 de out de 2019.